

Afinal, quem são os especialistas? Jovens em abandono e em risco no papel de especialistas na investigação qualitativa em educação

Sandra Mateus

Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL, CIES, Lisboa, Portugal
sandra.mateus@iscte-iul.pt

Patrícia Amaral

Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL, CIES, Lisboa, Portugal
patricia.amaral@iscte-iul.pt

Neste trabalho discute-se o processo metodológico utilizado numa pesquisa qualitativa sobre causas e processos de abandono escolar precoce, realizada em 2017 numa cidade localizada na Área Metropolitana de Lisboa, no âmbito do projeto europeu *Below 10*. Um dos objetivos originais da pesquisa foi dar voz às experiências diretas dos jovens sobre o insucesso e o abandono escolar. O envolvimento dos jovens e a realização de um processo de pesquisa mais crítico levaram os jovens a assumir o papel de especialistas, abordando questões de distribuição de poder no campo educacional. Cerca de 34 jovens com diferentes perfis, nomeadamente de abandono precoce, ou em risco de abandono, foram envolvidos em grupos focais e entrevistas. Como especialistas, os jovens foram convidados a esboçar soluções e oferecer *insights* sobre o tema da pesquisa. Este processo investigativo criou uma dinâmica de visibilidade, participação e consciencialização de jovens tendencialmente invisíveis e isolados na gestão do seu próprio insucesso. Foi possível recorrendo a técnicas consideradas clássicas, através de um conjunto de adaptações, princípios relacionais e ações por parte de investigadores e *gatekeepers*.

Palavras-chave: metodologia qualitativa; educação; desigualdades; juventude

Introdução

Este texto tem por base uma investigação qualitativa, num município da Área Metropolitana de Lisboa, no âmbito de um projeto europeu de investigação sobre o insucesso e abandono escolar.¹ A pesquisa, centrada no processo, nas causas e nos efeitos do abandono escolar precoce, da retenção e da desistência, procurou dar voz às experiências dos jovens.

A investigação foi previamente concebida para ser aplicada num conjunto de países, e foi desenvolvida no quadro de uma parceria local que reuniu um conjunto

¹ O Projeto *Below 10* é um projeto europeu promovido por uma parceria de nove organizações em seis países diferentes da UE. Tem como objetivo prevenir e combater o abandono escolar precoce, a partir de um processo de investigação e intervenção de base territorial, e do desenvolvimento de estratégias de colaboração entre entidades de perfil diversificado. É financiado pelo programa Erasmus+, e desenvolve-se entre setembro de 2016 e agosto de 2019.

alargado de parceiros, que funcionaram simultaneamente como *gatekeepers* na identificação dos jovens a envolver na pesquisa, e como destinatários do conhecimento produzido.

Um dos objetivos mais importantes do projeto é o de dar voz aos jovens e à sua experiência escolar, sobretudo nos casos em que esta experiência pode elucidar sobre os aspetos mais problemáticos dos trajetos escolares. Como etapa inicial, o projeto privilegiou neste sentido a consulta, através de grupos focais e entrevistas individuais, a um conjunto de 34 jovens com diferentes perfis escolares. Garantiu-se neste processo a diversidade de condições escolares, e a inclusão de jovens mais vulneráveis, em grande medida invisibilizados pelo insucesso que marca as suas trajetórias, nos processos de consulta democrática, dentro e fora das escolas (Bottrell, 2007; MacDonald & Marsh, 2005).

Os jovens foram envolvidos como “consultores”, um dos aspetos inovadores da pesquisa: o privilegiar da auscultação e participação de agentes usualmente negligenciados na investigação em educação que, pela sua experiência, podem clarificar o que corre mal no sistema, e apontar modalidades para o seu melhoramento. Poderão alunos com trajetórias de insucesso assumir o papel de especialistas na produção de conhecimento disseminável sobre insucesso e abandono escolar?

Pretende-se neste texto contribuir problematizar esta questão, partilhando o processo investigativo e explicitando *insights* reflexivos, de carácter metodológico, ocorridos durante o mesmo.

1. Investigando com jovens em condição vulnerável

No quadro da sociologia da educação, a subjetividade dos estudantes, ou a *descoberta do aluno* é um objeto legítimo relativamente recente (Dubet & Martucelli, 1996). Nos estudos de juventude a diversidade interna à condição jovem é uma temática em consolidação, que tem também gerado uma reflexão metodológica forte sobre quem tem voz, e de que forma e em que contextos essa voz se faz ouvir (Sanders & Munford, 2017).

Recrutar e envolver os grupos considerados mais escondidos ou marginais apresenta dificuldades específicas que têm de algum modo justificado a sua parca presença na investigação, tais como a sua identificação, o seu alcance em reduzido número (que fragiliza resultados de pesquisa), ou o desafio de permanência ao longo dos processos de desenvolvimento das pesquisas (Sanders & Munford, 2017).

No âmbito educativo há um conjunto de contributos sobre as modalidades de participação democrática na instituição escolar, de implementação crescente, mas não sem contradições (Mitra, 2006, Fielding, 2004; Rudduck & Fielding, 2006). A diversidade da condição jovem parece esbater-se nestas iniciativas, onde os jovens vulneráveis ou com trajetórias de insucesso tendencialmente não participam. As perspetivas dos jovens são raramente acedidas por decisores políticos, diretores de escola ou professores, dadas as desiguais políticas de distribuição do poder nas instituições e comunidades educativas (Bautista et al., 2013) e a falta de uma certa perspetiva crítica que inclua também os aspetos mais negativos da vivência jovem nos estudos e na documentação (Kellner, 2014).

Do ponto de vista metodológico, existem várias possibilidades e graus de auscultação e participação por parte dos jovens, que variam entre encarar os jovens como fonte de dados até ao envolvimento dos jovens como coinvestigadores ou ainda líderes

de ações e iniciativas (Fielding, 2001; Mitra, 2006). No quadro do Projeto *Below 10*, com um desenho metodológico previamente definido em que os jovens não estavam previstos como coinvestigadores, o desafio foi realizar um processo que privilegiasse a voz dos alunos mais experientes e conscientes dos aspetos desafiantes e negativos dos processos de escolarização, dando visibilidade e protagonismo aos jovens vulneráveis. Esta elaboração exigiu decisões metodológicas que interessa descrever.

Incluir a voz dos estudantes em situação de insucesso e dos jovens que abandonaram o sistema na investigação e no planeamento das iniciativas de base comunitária de prevenção do insucesso e abandono reveste-se assim quer de dificuldades específicas, quer de uma pertinência reforçada (Riley & Docking, 2004).

2. O contexto local de desenvolvimento da investigação

O projeto *Below 10* desenvolve-se, em Portugal, sob a coordenação de um centro de investigação universitário, e no quadro de uma parceria que reúne um conjunto diversificado de parceiros nacionais e locais. Aqui se integram, de âmbito nacional, para além do centro de investigação, um observatório universitário de juventude, um programa nacional de promoção do sucesso escolar e duas escolas superiores de educação. De âmbito local, ligado ao território escolhido, incluem-se o Município, 3 agrupamentos de escolas, uma escola profissional, um observatório de juventude, duas Escolas Superiores de Educação, uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens local, uma equipa de Saúde Escolar, um representante local do Instituto do Emprego e Formação Profissional e um projeto de educação não formal baseado na aprendizagem da música. O território escolhido para a implementação do projeto é uma cidade localizada na AML - Área Metropolitana de Lisboa, cujo contexto social e escolar justifica amplamente uma investigação e ação no domínio da prevenção do abandono, com resultados escolares tendencialmente mais baixos, com mais retenção e abandono do que a média do país, e que tem tido uma evolução negativa, por comparação quer relativamente à região da Grande Lisboa, quer a nível nacional.

Dado o contexto educacional local, formou-se, no âmbito do projeto, uma rede de parceiros locais que incluíssem estruturas educativas diversificadas, escolares e não escolares, responsáveis políticos, tal como entidades nacionais que contribuíssem quer para a reflexão e produção de conhecimento, quer para a promoção de práticas educativas inovadoras, como é o caso das escolas superiores de educação. Os parceiros locais assumiram também o triplo papel de parceiros do projeto, *gatekeepers* na identificação dos jovens a envolver na pesquisa, e recetores do conhecimento produzido.

3. O processo de pesquisa

Depois de selecionado o território e formada a rede de parceiros locais, desenvolveu-se a primeira fase da investigação. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa sobre as causas e características do abandono e do insucesso escolar. Esta pesquisa teve como objetivos conhecer os diversos perfis de jovens em risco ou em situação de abandono escolar no território escolhido, e envolveu a realização de 4 grupos focais e 6 entrevistas em profundidade, com jovens com diversificados perfis sociais, de desempenho escolar e de relação com a educação. No conjunto, envolveu um grupo de cerca de 34 jovens. A metodologia e os perfis escolares estavam previamente definidos

no próprio desenho do projeto europeu, mas sofreram adaptações de forma a garantir e privilegiar a auscultação de jovens em situação mais vulnerável, recorrendo à técnica de *focus group* em primeiro lugar.

A utilização das duas técnicas – grupo focal e entrevistas em profundidade – segue uma perspectiva de complementaridade, em que o centro da estratégia é o “problema” a analisar, o que se reveste de uma pertinência acrescida em contextos complexos como o educativo, onde se entrelaçam variáveis como os comportamentos, perceções, atitudes, expectativas, disposições, entre outros (Mertens, 1998).

Atendendo a que fazer investigação com jovens requer estratégias e princípios *youth friendly*, éticos, seguros e confortáveis, participativos e horizontais (Allen, 2002), podem as metodologias clássicas ser apropriadas? Apesar de serem técnicas clássicas, os grupos focais e as entrevistas em profundidade prestam-se a adaptações criativas e renovações, não tendo perdido a capacidade de gerar conhecimento, esbater assimetrias e constituir um momento significativo para os envolvidos, nomeadamente em contextos de pesquisa juvenizados (Ferreira, 2017). Envolvimento significativo não é antagónico à utilização destas técnicas, ainda que elas não se confundam com formas de participação mais profundas, como as de coinvestigação e liderança de ações descrita por Fielding (2001). Mas abrem margem para a inclusão dos jovens nas dinâmicas de reflexão como especialistas – foi nesta condição que foram convidados a participar e intervir nos grupos de discussão – peritos na condição jovem, nas experiências de escolarização e em tudo o que de mais positivo e negativo estes apresentam. A preocupação central foi a de promover uma participação substantiva, que resulte em avanços no conhecimento e beneficie ao mesmo tempo os jovens (Johnson, 2002).

Os grupos focais foram eleitos como a técnica de partida. Constituem um ambiente mais seguro para os jovens, onde as relações de poder entre pesquisador e pesquisados podem ser reequilibradas (Morgan, 1997). Permitem tratar os participantes não como locutores, mas sim “como verdadeiros *interlocutores*, ativamente ouvidos e interpelados numa relação de diálogo permanente e mutuamente significativo” (Ferreira & Raimundo, 2017, p. 79).

Esta técnica tem sido utilizada na investigação com grupos minoritários, grupos particularmente vulneráveis e sensíveis, ou marginalizados (Rodriguez et al., 2011). Como benefícios da sua utilização indicam-se o seu carácter de testemunho coletivo, de promotor de processos de consciencialização, de partilha válida e legitimação (Rodriguez et al., 2011).

Com as entrevistas em profundidade, desenvolvidas num segundo momento, pretendeu-se desenvolver uma relação mais íntima com os jovens, desenvolver com maior detalhe as suas experiências e perspetivas, e captar os múltiplos sentidos, significados e interpretações dadas ao fenómeno do insucesso e abandono escolar (Johnson, 2002; Liamputtong, 2007). Teve-se também em vista o complementar das discussões dinâmicas dos grupos focais e a construção de um conjunto de histórias de vida utilizáveis em dinâmicas de formação com agentes escolares, na disseminação do projeto junto de outros jovens, e na ilustração de um plano local de prevenção do abandono.

4. Os critérios de seleção dos jovens

Os critérios de seleção dos jovens foram definidos utilizando quer um conjunto de aspetos definidos ao nível europeu, quer aspetos definidos localmente, respeitando as singularidades do território. A diversidade foi o critério mais forte. Relativamente à

relação com os processos de escolarização, os perfis estavam definidos no projeto europeu, e desse modo foram envolvidos: a) 5 jovens fora da educação/formação e do trabalho (*NEET*); b) 1 jovem empregado que abandonou precocemente a escola; c) 22 jovens com retenções ou em risco de abandono; c) 3 jovens reingressados à educação/formação depois de abandono precoce ou suspensão; d) 3 inscritos no ensino regular ou em formação profissional. Teve-se ainda em conta o critério de diversidade de idade, género, classe social e de origem nacional, dada a centralidade destes aspetos na produção do sucesso escolar. Outro aspeto foi a diversificação da modalidade de formação, recrutando participantes nas escolas secundárias de ensino regular, ensino profissional e programas de segunda oportunidade. Para além de perfis sociais e escolares diversificados, os jovens participantes têm entre os 15 e os 24 anos, distintas origens étnico-nacionais, e uma distribuição de género equitativa.

Os 4 grupos focais foram organizados tendo em conta os perfis dos jovens. O primeiro, em que foram envolvidos 6 jovens que não frequentam modalidades de educação ou formação, foi realizado num teatro local, espaço neutro e privilegiado, cujo acesso foi encarado como uma forma de valorização social, evitando deste modo a presença em contexto escolar e os constrangimentos que este contexto provocaria. Dois outros grupos focais (com 7 e 8 participantes) foram organizados dentro de duas escolas, misturando participantes com trajetões de insucesso e em risco, e outros com trajetões regulares. Um último grupo (7 participantes) foi organizado numa escola de ensino vocacional, misturando alunos com maior e menor sucesso em cursos de pendor profissionalizante, e reingressados depois de um período de afastamento.

Realizaram-se subsequentemente, utilizando como espaço físico, segundo o perfil, o teatro local ou as escolas, 6 entrevistas em profundidade, que envolveram: a) 1 jovem que abandonou a escola precocemente e que não frequenta o ensino a tempo inteiro, o trabalho ou a formação (*NEET*); b) 1 jovem empregado que não concluiu o ensino secundário ou a formação profissional; c) 1 jovem com retenções e em risco de abandono escolar; d) 1 jovem que após um período de suspensão da frequência escolar regressou à formação vocacional; e) 1 jovem regularmente matriculado no ensino vocacional; f) 1 jovem regularmente matriculado na educação.

O guião de tópicos, necessariamente genérico e aberto, foi comum aos vários grupos focais e foi mais detalhado nas entrevistas, incluindo, para todos, questões relacionadas com as trajetórias e perceções sobre as causas do insucesso e abandono escolares. No grupo constituído especificamente por jovens em situação de abandono, aprofundou-se essa mesma experiência. Quer nos grupos, quer nas entrevistas, um tópico sobre recomendações para promover o sucesso escolar e evitar o abandono foi lançado e ocupou uma parte importante dos encontros.

5. Recrutamento e negociação com os *gatekeepers*

Os participantes foram identificados em colaboração com parceiros como os agrupamentos de escolas, as autoridades locais, os serviços sociais locais, e as iniciativas de educação não formal e inclusão pela arte.¹ A escolha dos *gatekeepers* foi cuidadosa, e diversificada, como estratégia para evitar desvios e práticas de seleção mais comuns (como a de dar a voz aos melhores alunos). Mais do que a uniformidade do método de

¹ Na sequência dos grupos focais, os próprios jovens funcionaram como *gatekeepers* no contacto com outros jovens que consideravam interessantes para o envolvimento na pesquisa, nomeadamente na fase de entrevistas.

recrutamento, a preocupação central foi garantir a participação de jovens, nomeadamente jovens mais vulneráveis, em número relevante e equilibrado (Sanders & Munford, 2017). Os interlocutores foram fundamentais no desbloqueamento dos mecanismos institucionais necessários ao contacto direto com jovens. Por um lado, sabe-se que as abordagens diretas dos investigadores aos jovens têm menor probabilidade de sucesso, e que uma introdução à pesquisa realizada com interlocutores que já têm relações de confiança com os jovens é facilitadora da sua adesão e participação (Aaltonen, 2016). Por outro lado, o recrutamento dos jovens com trajetórias de insucesso seria muito dificultado pela sua dispersão no território e a ausência de um espaço público natural de frequência.

A comunicação com os *gatekeepers* realizou-se quer num encontro presencial, quer por email, com o auxílio de documentação explícita sobre que perfil de jovens envolver e como envolver. Aos interlocutores privilegiados foi feito um pedido específico, de identificação de jovens entre os 15 e os 20 anos, equilibrados em termos de género e origem social e nacional, segundo os perfis definidos e previamente apresentados. No caso dos jovens estudantes (do ensino público ou vocacional), o agendamento do encontro foi realizado por agentes escolares parceiros do projeto.

6. Falar com, e ouvir, os especialistas

Apesar dos cuidados tidos, a utilização de *gatekeepers* nem sempre permitiu assegurar que todos os jovens fossem convidados a participar da mesma forma horizontal e daquela planeada pelos investigadores. O recrutamento foi diversificado. No caso dos jovens fora da educação e da formação, por exemplo, o contacto para o agendamento do encontro fez-se diretamente com os próprios, usando o contacto dado pelas instituições que realizaram o recrutamento, ou com os seus pais. Sempre que possível, fez-se um contato prévio e direto com os jovens, o que não aconteceu em todos os casos.

Por isso os momentos de encontro com os jovens foram sempre iniciados com etapas de salvaguarda da clarificação, horizontalidade e reequilíbrio do poder, de forma a aumentar a possibilidade de sucesso da participação (Aaltonen, 2016). Estas consistiram numa apresentação do moderador ou do entrevistador, numa introdução e explicitação do teor do projeto, e ainda num claro convite à participação na qualidade de especialistas, de detentores de uma visão única e pessoal, fundamental para poder encontrar soluções para os problemas que geram insucesso e abandono escolar. O estabelecimento de uma relação, de um clima empático, confortável e seguro foram prioridades tidas em conta nestes momentos (Liamputtong, 2007).

Os participantes foram ainda informados que o seu contributo resultaria na elaboração de um plano local de promoção do sucesso, a ser disseminado pelos agentes escolares locais. O consentimento informado e as questões de confidencialidade foram assegurados. Esta abordagem inicial teve um impacto considerável na qualidade das participações e envolvimento dos jovens, nomeadamente nos mais vulneráveis e menos confiantes, que chegavam aos encontros muitas vezes hesitantes sobre o teor dos mesmos. No final dos encontros, os jovens foram convidados a deixar o seu contacto (telefónico ou email), para continuar a acompanhar o projeto e a sua disseminação, e todos o fizeram voluntariamente.

Notas finais

O projeto *Below 10* criou, num município da área metropolitana de Lisboa, um processo de investigação sobre as causas do insucesso e abandono escolar que ativou a participação de jovens vulneráveis, comumente ausentes das pesquisas no campo educativo.

Privilegiar o conhecimento produzido por jovens que abandonaram os seus processos de escolarização ou estão risco de o fazer tem implicações importantes. Por um lado, traz realismo ao conhecimento, visões e percepções elaboradas a partir de dentro, clarificando aspetos relativos ao funcionamento do sistema educativo (Welton et al., 2017). Significa colocar no centro do debate, da reflexão e intervenção locais, mas também das dinâmicas formativas dos agentes educativos a experiência dos jovens, a principal parte interessada, numa tentativa de reequacionar e combater as desigualdades criadas pelo próprio sistema de ensino (Dubet & Duru-Bellat, 2000; Van Zanten, 2000). Por outro lado, cria uma dinâmica de visibilidade, participação e consciencialização de jovens tendencialmente invisíveis e isolados na gestão do seu próprio insucesso (Bottrell, 2007; MacDonald & Marsh, 2005; Riele, 2006). Tal foi possível no quadro de um desenho de pesquisa que não previa formas muito avançadas de envolvimento dos jovens, recorrendo a técnicas consideradas clássicas, através de um conjunto de adaptações, princípios relacionais e ações por parte de investigadores e *gatekeepers*, que interessa reter.

O conhecimento produzido pelos jovens será, em etapas subsequentes do projeto, analisado conjuntamente com as perspetivas de agentes adultos, escolares e não escolares, também consultados e debatido com os parceiros locais (e aqui sujeito também a uma análise de dados colaborativa). Irá constituir a base de um conjunto de ações formativas dirigidas a agentes escolares, localmente. Integrará ainda, na fase final do projeto, um plano local de promoção do sucesso e prevenção do abandono. As narrativas dos jovens, na sua diversidade de condições e lugares na hierarquia social, constituem o centro deste processo investigativo e interventivo. A tradução das mesmas para conhecimento científico deve assegurar que esse lugar central não fica obscurecido. É possível privilegiar estas vozes e retirá-las da margem da definição de políticas locais e nacionais de promoção da educação, contribuindo para a criação de espaços de inclusão e protagonismo dos “excluídos do interior” (Bourdieu & Champagne, 1992).

Referências Bibliográficas

- Aaltonen, S. (2017). Challenges in gaining and re-gaining informed consent among young people on the margins of education. *International Journal of Social Research Methodology*, 20(4), 329-341.
- Allen, D. (2002). Research involving vulnerable young people: A discussion of ethical and methodological concerns. *Drugs: education, prevention and policy*, 9(3), 275-283.
- Bautista, M. A., Bertrand, M., Morrell, E., Scorza, D. A., & Matthews, C. (2013). Participatory action research and city youth: Methodological insights from the Council of Youth Research. *Teachers College Record*, 115(10), 1-23.



- Bottrell, D. (2007). Resistance, resilience and social identities: Reframing ‘problem youth’ and the problem of schooling. *Journal of Youth Studies*, 10(5), 597-616.
- Bourdieu, P., & Champagne, P. (1992). Les exclus de l'intérieur. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 91(1), 71-75.
- Dubet, F., & Duru-Bellat, M. (2009). *L'Hypocrisie scolaire. Pour un collège enfin démocratique*. Paris: Le Seuil.
- Dubet, F., & Martuccelli, D. (1996). *A l'école. Sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Le Seuil.
- Ferreira, V. S. (2017). Caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens. In V. S. Ferreira (Org.), *Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos* (pp. 17-31). Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, V.S., & Raimundo, A. (2017). Conversas entre jovens: o uso *youth-friendly* de grupos focais. In V. S. Ferreira (Org.), *Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos* (pp. 57-89). Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- Fielding, M. (2001). Students as radical agents of change. *Journal of Educational Change*, 2(2), 123-141.
- Fielding, M. (2004). Transformative approaches to student voice: Theoretical underpinnings, recalcitrant realities. *British Educational Research Journal*, 30(2), 295-311.
- Johnson, J.M. (2002). In-depth interviewing. In J. F. Gubrium, & J. A. Holstein (Eds.). *Handbook of interview research: Context & method* (pp. 103–119). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Kellner, D. (2014). Toward a critical theory of youth. In A. Ibrahim, & S. R. Steinber (Eds.). *Critical Youth Studies Reader* (pp. 2–14). New York: Peter Lang.
- Liamputtong, P. (2007). *Researching the vulnerable*. London: Sage.
- MacDonald, R., & Marsh, J. (2005). *Disconnected youth? Growing up in Britain's poor neighbourhoods*. London: Palgrave Macmillan.
- Mertens, D. M. (1998). *Research Methods in Education and Psychology: Integrating Diversity with Quantitative & Qualitative Approaches*. London: Sage.
- Mitra, D. L. (2006). Student voice or empowerment? Examining the role of school-based youth-adult partnerships as an avenue toward focusing on social justice. *IEJLL: International Electronic Journal for Leadership in Learning*, 10(22).
- Morgan, D. L. (1997). *Focus groups as qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Riley, K., & Docking, J. (2004). Voices of disaffected pupils: Implications for policy and practice. *British Journal of Educational Studies*, 52(2), 166-179.
- Rodriguez, K. L., Schwartz, J. L., Lahman, M. K., & Geist, M. R. (2011). Culturally responsive focus groups: Reframing the research experience to focus on participants. *International Journal of Qualitative Methods*, 10(4), 400-417.
- Rudduck, J., & Fielding, M. (2006). Student voice and the perils of popularity. *Educational Review*, 58(2), 219-231.



-
- Sanders, J., & Munford, R. (2017). Hidden in Plain View. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1), 1-12.
- Riele, K. T. (2006). Youth 'at risk': further marginalizing the marginalized?. *Journal of education policy*, 21(2), 129-145.
- Van Zanten, A. (Dir.) (2000). *L'École - l'État des Savoirs*. Paris: La Découverte.
- Welton, A. D., Harris, T. O., Altamirano, K., & Williams, T. (2017). The politics of student voice: Conceptualizing a model for critical analysis. In M. D. Young & S. Diem. *Critical Approaches to Education Policy Analysis* (pp. 83-109). Springer International Publishing Switzerland.